

Três casos de metamorfose residual para além da alegoria popular em verso

Elizabeth Dias Martins*
Roberto Pontes**

Resumo

Comunicação que aborda parte da pesquisa intitulada “Sanção e metamorfose no cordel nordestino”, cujo universo literário é o dos folhetos em que personagens transgressoras dos preceitos moral-religiosos são punidas pela perda da forma humana e metamorfoseadas em animais. O estudo tem por objetivo identificar as sanções a que as personagens são submetidas como resíduos da mentalidade ibero-portuguesa medieval, de punição e segregação dos indivíduos integrantes das minorias sociais. Ao modo do pensamento religioso da Idade Média ibero-portuguesa, as transgressões das personagens em questão, classificadas conforme os sete pecados capitais, quase sempre estão relacionadas com o universo sexual pecaminoso e, portanto, diabólico, de acordo com o imaginário cristão norteador do universo em análise.

Palavras-chave: Residualidade. Cordel. Metamorfose. Transgressão. Sanção.

Ponto de partida

Este trabalho resultou da pesquisa institucional intitulada “Sanção e metamorfose na literatura de cordel nordestino”, sob nossa orientação e desenvolvida por uma equipe de pesquisadores integrada por bolsistas ligados ao Departamento de Literatura e ao seu Programa de Pós-Graduação em Letras/Literatura.

Nosso trabalho se desenvolveu no âmbito do grupo de pesquisa Estudos de Residualidade¹ Literária e Cultural, certificado pela UFC e cadastrado junto ao CNPq, sob a liderança do professor Dr. Roberto Pontes, de cuja equipe fizeram

* Professora Associada II, Doutora em Literatura Portuguesa pela PUC-Rio.

** Professor Associado III, Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC-Rio.

Ambos os docentes atuam no Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado) do Departamento de Literatura do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará.

Data de submissão: abr. 2011. Data de aceite: jun. 2011

parte dois bolsistas de iniciação científica, além da colaboradora voluntária professora Fernanda Diniz, do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará. Portanto, o grupo de pesquisa desenvolveu dois projetos: “Sanção e metamorfose no cordel nordestino”, coordenado por Elizabeth Dias Martins, e “Mentalidade e residualidade trovadoresca na poesia popular do Nordeste do Brasil”, sob a coordenação do professor Roberto Pontes.

Câmara Cascudo considera preceitos as “ordens costumeiras, ordenatórias e tradicionais” ou “o conjunto de hábitos e tabus” (2000, p. 730). Dentre os preceitos que foram transgredidos nos exemplos adiante podemos destacar as normas religiosas, as quais exercem influência em todos os setores da sociedade. A análise das categorias *metamorfose*, *sanção*, *preceito* e *transgressão* nos cordéis em apreço tem lugar no imaginário cristão, de acordo com a ideologia expressa nos textos. No entanto, nas páginas a seguir tais categorias são abordadas liminarmente, tendo em vista que ainda estão em andamento as leituras teóricas iniciais.

Compete, preliminarmente, esclarecer ainda que os objetivos do trabalho de pesquisa do qual resultou este artigo são enriquecer os estudos sobre literatura popular nordestina; colher informações teóricas relevantes para ser possível *a posteriori*; propor uma classificação das várias formas de *transgressão* e de *metamorfose* contidas nos folhetos de cordel,

bem como investigar a realização de tais aspectos nessa modalidade de literatura, possibilitando, assim, uma análise mais detalhada das citadas categorias.

Moral, norma, costume, ação humana

Dentre as leituras realizadas nesta fase inicial incluem-se textos acerca da moral e das normas nos âmbitos da filosofia e do direito. O filósofo escolhido inicialmente para essa investigação é Kant (1960), que em seu livro *Fundamentação da metafísica dos costumes* tece considerações a respeito da *moralidade* e de como pode ou deve interferir nos costumes.

Segundo esse filósofo alemão, os preceitos, quando de alguma forma se apoiam no empírico, podem ser considerados apenas regras práticas, nunca uma *lei moral*, pois as leis morais vão bem além do empirismo. Considerando que os costumes podem estar sujeitos a perversões, caso lhes falte um fio condutor, Kant nos fala da necessidade de distinguir em que casos as leis morais podem ser aplicadas e da importância de sua inserção e permanência na *vontade* do homem. O filósofo de Königsberg enfatiza, porém, não bastar que uma atitude moralmente boa seja realizada de acordo com as leis morais; é necessário, também, que essa atitude seja tomada por amor à moral.

Uma atitude concernente com a moralidade seria aquela apta a se configurar

como lei universal. Se uma ação ou uma máxima não puder fazer parte de uma suposta legislação universal, deve ser rejeitada. Mas não é tão fácil para o homem rejeitar uma atitude, pois o ser humano lida diariamente com uma exaustiva luta interna entre o dever e o prazer. Em busca da felicidade, as necessidades e inclinações humanas tentam se sobrepor ao dever, ao mesmo tempo em que o homem, representado pela razão como digno de respeito, tenta se sobrepor às inclinações.

A remotíssima raiz da metamorfose, oralidade, mentalidade

A metamorfose é um tema presente na literatura das civilizações antigas. Tanto no universo pagão quanto no cristão é possível encontrar referência aos fenômenos metamórficos. Basta lembrar as inúmeras conversões de aspecto encontráveis na mitologia antiga, contadas com requinte nas *Metamorfoses* de Ovídio (43 a. C.), poeta latino e autor favorito da sociedade mundana de Roma, a exemplo da operada em Atlante quando é tornado montanha:

Nisto côa mão sinistra, e desviando
Primeiro os olhos para a parte adversa,
Lhe mostra de Medusa a face horrenda.
Eis feito o enorme Atlante um monte enorme;
Barbas, melenas se lhe tornam selvas;
São recostos das serras as mãos, e os braços,
O que já foi cabeça agora é cume,
Dos ossos os penedos se formaram.

(OVÍDIO, 2000, p. 79)

Do mesmo modo, recordemos a ocorrida na passagem bíblica hebraica da transformação da mulher de Lot em estátua de sal:

Fez, pois, o Senhor da parte do Senhor chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo do céu; e destruiu estas cidades, e toda a verdura da terra. E a mulher de Lot, tendo olhado para trás, ficou convertida numa coluna de sal (GÊNESIS, 1982, c. 19, v. 24-26).

As metamorfoses das quais trataremos nas páginas a seguir são as da literatura de cordel, que não estão dissociadas das anteriores porque fazem parte de um complexo imaginário de remotíssima raiz.

Antes de virem a ser texto impresso, como temos nas duas transcrições acima, ou nas dos cordéis abaixo dados, as narrativas operadas correram de boca em boca, sendo elas de inteiro teor, ou com as modificações possibilitadas pelo processo que qualificamos de “cristalização”. Quer dizer, estiveram imersas na água lustral da oralidade, de onde provêm a força de seu brilho e o fulgor de *resíduo* em épocas diversas. Paul Zuntor, a propósito de *La lettre et la voix*, seu livro de 1987, diz-nos:

Volto à Idade Média após longo desvio e sou levado a negar que nossa idéia de “literatura” seja aplicável aos “textos” dessa época antiga. De fato, eles só se tornaram textos quando foram fixados em manuscrito, num determinado momento de sua história (2005, p. 55).

Esse abono é suficiente para conferir às narrativas estudadas nas páginas aqui postas o caráter de oralidade *ab ovo*, pois, rigorosamente, só ganha corpo escrito o texto que antes haja sido bafejado

pelo espírito da voz. E Zunthor continua em suas considerações:

A performance é a materialização (a “concretização”, dizem os alemães, de uma mensagem poética por meio da voz humana e daquilo que a acompanha, o gesto, ou mesmo a totalidade dos movimentos corporais. Hoje, o fato de que muitos artistas performem seus textos nos conduz a uma prática que era normal na Idade Média. A comunicação puramente escrita foi, antes do século XV, excepcional e, na minha opinião, apenas muito raramente dizia respeito ao que era composto em vernáculo. Mas eu responderia [esta transcrição é de uma entrevista] num outro plano: a palavra *performance* contém *forma* com um prefixo indicando o acabamento e um sufixo de valor dinâmico: remete, pois, à criação de uma forma que é aquilo que Max Lüthi, em seu livro sobre os contos, chama em alemão *Zielform*, forma final, no sentido em que esse adjetivo indica um fim, uma forma desejável, por assim dizer. Ora, nosso velho *corpus* poético medieval só tem “forma” no sentido; sua forma é alguma coisa que está se fazendo pela mediação de um corpo humano; esse corpo, através da voz, do gesto, do cenário onde ele se coloca, está em vias de realizar as sugestões contidas no texto (2005, p. 55-56).

Feitas essas considerações concernentes à oralidade, cabe retomar a exposição anterior.

A temática em apreço, discutida em nosso estudo, veio para o cordel nordestino através da tradição ibérica e dos folhetos populares, nos quais encontramos não só recriações das lendas mitológicas, mas também das nacionais e regionais. Esse material é possibilitado pela tradição oral que guardamos em nossa literatura, sob a forma de *sedimentos mentais*, *remanescências estéticas* provindas dos jograis, trovadores, segréis, contadores e

cantadores medievais ibéricos, aos quais devemos este legado *residual* que ajuda a compor o perfil próprio da nossa cultura.

O tema desenvolvido diz respeito a uma mentalidade cristã medieval que predomina nos folhetos nordestinos, a denunciar dada visão de mundo dos poetas cordelistas em que prepondera a *doxa* do imaginário religioso cristão.

Mas qual seria a relação existente entre as metamorfoses ocorridas nos folhetos de cordel do Nordeste contemporâneo e a prática dos tribunais inquisitoriais da distante Idade Média?

Para estabelecer tal relação temos de nos reportar ao período liminar da Idade Média, no qual a característica fundante era a noção de comunidade, período de pouco espaço para o indivíduo, que só teria sua vez no Renascimento do século XII. Imposição significativa na vida religiosa da Igreja nascente era a exigência da confissão pública, acompanhada da exclusão da comunidade, até ser cumprida a penitência do pecador para, só então, vir a ocorrer sua readmissão formal no seio da comunidade cristã.

A heresia surgiu como subproduto do sentimento religioso e do individualismo e passa a ser combatida com muita tenacidade pelo Concílio Lateranense de 1215, um dos mais importantes eventos da Igreja da Idade Média, convocado para limitar as liberdades dos fiéis diante dos apelos laicos no século antes citado. Cabe lembrar a criação do Tribunal Inquisitorial acontecida em 1184 e que os concílios ocorriam também com o fito de regular práticas da vida moral

e espiritual da sociedade, sem se limitar a normatizar apenas a vida dos cristãos; assim, influenciou a Igreja decisivamente na conduta de todos os membros da sociedade.

O Concílio Lateranense, além de empreender o combate à heresia, regulamentou a vida dos que compunham então os seis grupos de minorias da Idade Média, divididos em duas categorias: a) religiosa – judeus, bruxos, hereges; b) sexual – prostitutas, sodomitas, leprosos (RICHARDS, 1993). Tais minorias, consideradas desviantes das normas cristãs, foram fadadas à segregação, ao isolamento, e rotuladas de modo a servir como exemplo e prevenir a contaminação dos cristãos. Isso foi apenas o reforço do Concílio já havido em 1179, em cuja assembleia foi referendada a segregação dos leprosos. A tanto se somou a prática persecutória aos hereges e demais indivíduos considerados desviados e transgressores.

Citadas minorias foram obrigadas a usar roupas distintivas, o que levou ao desenvolvimento da chamada “marca de infâmia”. Todas tiveram de usar trajés diferenciados e passaram a usar marcas ou sinais para evitar que se misturassem com os cristãos sem serem notadas. A criação desses estereótipos nasceu da ameaça às estruturas sociais então vigentes; constituíam o elemento distinto e a diferença era o que ameaçava a ordem e o controle social.

Para a Igreja, o sexo era o denominador comum entre todos os grupos minoritários na Idade Média, considerados

estes em razão do descomedimento da libido, uma ameaça iminente aos cristãos “saudáveis”. Além disso, havia mais um elemento que predominava na concepção cristã – o Diabo –, entidade diretamente associada à atividade das minorias, determinada a inspirá-las na tarefa de destruição da ordem divina. Segundo Jeffrey Richards:

A ameaça de perigo pelo impuro é usada para coagir outros a andar na linha. A sociedade medieval se encaixa exatamente neste quadro. Havia uma ameaça de contágio vinda das minorias perigosas, daí a segregação e rotulação com a “marca da infâmia” de judeus, leprosos e prostitutas (1993, p. 31).

Decorrencia desse modo de pensar, o pecado sexual foi associado à lepra, e grandes calamidades, como o dilúvio e a peste negra, foram considerados consequência da sodomia. É nesse contexto que entra a punição inquisitorial, pois se fazia necessária a utilização do fogo a fim de purificar e destruir os espíritos considerados corruptores da sociedade cristã. Essa prática, somada à da segregação, do isolamento e da rotulação, reforça as advertências no sentido de se evitar o desvio em relação à norma.

Mentalidade cristã medieval e concepção do poeta popular em cordéis nordestinos

Após esses esclarecimentos e com essa contextualização, estamos aptos a adentrar no universo cordelístico dos

folhetos nordestinos com o objetivo de compreender a relação existente entre a concepção de mundo do poeta popular e a mentalidade cristã predominante na Idade Média.

Para tanto, passaremos à análise de alguns cordéis que abrigam o universo temático da metamorfose. Exemplares e de leitura indispensável nesse sentido são os seguintes folhetos: *A moça que virou cobra*, de João José da Silva; *A moça que virou cadela*, de Antonio Lucena (s. d.), e *O rapaz que virou bode no estado do Paraná*, de H. Renato.

A moça que virou cobra trata da história de uma jovem descrente, que, além de negar e pôr em dúvida verdades do catolicismo, não tem respeito nem tolerância para com as crenças religiosas alheias. É o que ocorre neste cordel com a personagem insolente a colocar em dúvida os poderes de Padre Cícero, que acaba profanando o padre-santo, desrespeitando a crença de um dos romeiros, além de afrontar até mesmo a própria mãe. No começo do cordel o autor diz o seguinte:

Leitores do Ceará
a 21 de janeiro
deu-se 1 exemplo assombroso
com a filha de um fazendeiro
Jesus Cristo a castigou
porque ela profanou
do padre do Juazeiro

(SILVA, s. d.)

Eis como nessa primeira estrofe fica caracterizada a transgressão. A moça profanou o padre-santo, portanto sofreu o castigo divino. A passagem citada

demonstra a mentalidade teocêntrica típica do Medievo adstrita às palavras do poeta.

A *transgressão* é categoria também a fazer parte da nossa pesquisa, juntamente com as seguintes: *metamorfose*, *preceito* e *sanção*. Para maior clareza, a *sanção* ocorrida pela *metamorfose* corporal daqueles que transgridem o *preceito* cristão assim se dá, porque por esse meio a Igreja obtinha o controle da conduta social dos fiéis.

Neste cordel, o castigo anunciado sobreveio através do discurso profanador dirigido pela moça a um romeiro que, pela terceira vez naquele ano, passava diante da fazenda onde ela residia, vestido a caráter, rumo a Juazeiro do Norte. Diz ela, de modo desabrido e “com gesto desordeiro”:

– Diga lá ao Padre Cícero
que me mande uma fartura
de mosquito e muriçoca
percevejo e tanajura
teu padrinho dando conforto
de lagarta e gafanhoto
eu sei que é a safra é segura

Diga a ele que me mande
dez tons de dor de barriga
mil e quinhentos de sarna
dois e duzentos de intriga
vai escrito no caderno
50 mil réis de inverno
quarenta mil de bexiga

Na chuva basta mandar
pingo do tamanho de um pote
dê trovão que queime pedra
desabe açude e serrote
só digo que corre risco
se vir pedra de corisco
maior do que um garrote.

(SILVA, s. d.)

As três estrofes transcritas, constituindo verdadeiro bestialismo, caracterizam uma blasfêmia pelo que nelas há de ilogismo e contrassenso.

Horrorizado com tais palavras, o Romeiro aconselha a jovem a pedir perdão a Jesus, mas ouve como resposta mais uma série de insultos ao padre de Juazeiro:

A moça disse: eu não creio
naquele catimbozeiro
que fazendo bruxaria
seduziu o mundo inteiro
laçando a humanidade
por meio de falsidade
conquistou o Juazeiro.

(SILVA, s. d.)

A mãe da moça intervém, pede para ela se calar e se arrepender, mas o apelo é respondido com um desafio ao Padre Cícero, o qual terá consequência quase imediata, consistindo exatamente no castigo em razão das transgressões cometidas. Diz ela:

Só creio no Padre Cícero
Quando ele me castigar
Fizer eu cair das pernas
Meus braços se descolar
Criar ponta e nascer dentes
Correr virada em serpente
Mordendo quem encontrar.

[...]

Mamãe deixe de leiseira
Não mantenha isso na mente
eu só creio no Padre Cícero
se ele fizer de repente
daqui pro fim de janeiro
eu visitar Juazeiro
virada numa serpente.

(SILVA, s. d.)

Eis que no outro dia pela manhã a moça havia desaparecido e, apenas pas-

sados alguns dias, começam as aparições de uma serpente horrível, com tamanho descomunal, nos arredores da fazenda. A aparição do réptil remonta a uma antiga prática da peregrinação penitencial pública imposta como pena para pecados, inclusive aos das minorias da Idade Média. Além da confissão pública, os implicados eram afastados da sociedade e distinguidos pejorativamente. Do mesmo modo ocorre na narrativa do folheto. A personagem é transformada em serpente, mas nela se conservam a fala e os sentimentos humanos. Aí tem início o período de penitência e expiação, no qual a moça indigitada chora e se lamenta, revelando a todos sua imensa tristeza e os motivos por que foi metamorfoseada.

A exclusão, por sua vez, se dá pela perda da forma humana. Cabe lembrar, apesar do truísmo catequético, que, segundo o cristianismo, os homens são feitos à imagem e semelhança de Deus. A exposição da personagem à comunidade sob forma de serpente, mas com os sentimentos humanos mantidos, torna o castigo ainda maior, assim como preside o arrependimento de algumas personagens dos inúmeros folhetos do universo metamórfico referido na pesquisa.

Ressalte-se que nem todos os metamorfoseados se arrependem. A forma animal impingida ao pecador é o seu sinal distintivo. Nela está impressa a *mentalidade* da segregação e do isolamento praticados na Idade Média e manifestados no cordel contemporâneo através dos *resíduos* da cultura cristã

daquela época, presentes estes na literatura constituída de *sedimentos mentais* do *imaginário coletivo*.

Leiamos a passagem do cordel concernente aos comentários:

É uma serpente horrenda
se arrasta pelo chão
é triste e incalculável
a sua lamentação
ela com todo clamor
dizendo que profanou
do Padre Cícero Romão.

[...]

Triste do cristão no mundo
que fala da vida alheia
termina assim como eu
leprenta cascuda e feia
vagando no mundo a toa
é infeliz a pessoa
que Jesus Cristo a odeia.

Quando ofendi meu padrinho
era uma gentil menina
porém Deus me castigou
ando cumprindo uma sina
virada em uma serpente
culpada disto somente
foi minha língua ferina.

(SILVA, s. d.)

Quanto a ter sido a moça transformada em cobra, não podemos ignorar revestir-se a serpente de especial significado dentro do universo *mental* cristão, relacionando-se ao pecado original, de modo a redundar na concepção mediévilica cristã segundo a qual a mulher

era filha e herdeira de Eva, a fonte do Pecado original e um instrumento do Diabo. Era a um só tempo inferior (uma vez que foi criada da costela de Adão) e diabólica (uma vez que havia sucumbido à serpente, fazendo com que Adão fosse expulso do Paraíso, além de ter descoberto o deleite carnal e o ter mostrado a Adão) (RICHARDS, 1993, p. 36).

Lemos na estrofe anterior que, após ser castigada e transfigurada, a personagem passou a se considerar leprenta. Ora, na Idade Média era muito comum que as minorias fossem confundidas entre si. Os judeus eram qualificados de leprosos, que, por sua vez, se viam relacionados aos perversos sexuais, porque se tinha todo e qualquer leproso como praticante de excesso sexual. Tanto os primeiros quanto os segundos eram indistintamente considerados hereges e as prostitutas, leprentas. Enfim, constituíam, em conjunto, uma minoria discriminada, segregada e condenada pela Inquisição. Do mesmo modo ocorre com as personagens do universo metamórfico da literatura popular nordestina.

A personagem continua em penitência e peregrinação, até sua mãe lhe dizer que vá a Juazeiro pedir perdão ao Padre Cícero e implorar a intercessão de Frei Damião, a fim de se arrepender medularmente, de modo a alcançar o perdão e lograr o restabelecimento da forma humana.

Arrependida, a moça se arrasta até Juazeiro e pede ajuda àquele frade. Após muitas e fervorosas orações, dá-se o desencanto precedido do arrependimento, logo acompanhado do reingresso da jovem no universo cristão, conforme lemos na estrofe final:

Frei Damião disse assim
– oh! Virgem Imaculada
vou rezar uma oração
do Santo Anjo da guarda
quando ele levantou-se
a fera desencantou-se
estava santificada.

(SILVA, s. d.)

A natureza exemplar da história referida pelo poeta nas estrofes iniciais nos remete ao teatro medieval de moralidade. Assim, não podemos deixar de aludir a duas representações dramáticas, o *Auto da Alma* e o *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, cuja moral cristã gira em torno da mesma ideia do cordel analisado, a de que o cristão deve estar sempre atento e vigilante quanto a seus atos, pois o dia do “Juízo final” pode estar próximo. O evangelho de São Mateus é repleto de passagens nesse sentido.

Mas o *happy and* lido na história anterior não se repete no folheto seguinte, que narra a história d'A *moça que virou cadela* e versa sobre uma prostituta, tipo perseguido na Idade Média, como já vimos, por fazer parte da categoria sexual das minorias medievais.

O cordelista inicia a história informando sua aversão à mentira, porque Deus pode não gostar, e depois passa à constatação de que as pessoas estão ficando descrentes. Em seguida, diz ter sido tanto pela heresia quanto pelo ateísmo generalizado que a jovem personagem do enredo “teve” a sina de virar cachorra. A transgressora não apenas foi transformada em cadela, mas... “teve” de ser metamorfoseada. Foi imperativo que assim acontecesse porque alguns preceitos cristãos foram transgredidos e não ocorre o restabelecimento da forma humana quando não há arrependimento.

Esse início da narrativa demonstra não ser descabido afirmar que este e os demais cordéis analisados se relacionam

com o imaginário cristão, pois a visão de mundo desses cordelistas nele se pauta, conforme pode ser verificado desde o início da narrativa. Nela, todos os leitores são referidos como partícipes duma Sodoma, agora contemporânea, absorvendo o clima pecaminoso subjacente da Idade Média e em que o mundo moderno está igualmente se transformando, segundo o poeta.

A moça “das bandas de Ipueiras” vestia-se de modo diferente e andava quase nua, dando causa ao grande desgosto de sua mãe, que reprovava e condenava seus modos insinuantes. O fato de ser doente deixava a pobre senhora apenas com vontade de castigar a filha, como veio a lhe prometer um dia. A promessa deixou a moça irada, que, por isso, aplicou grande surra na mãe. Por conta das pancadas e após passar alguns dias de sofrimento, veio a coitada a falecer. Assim, a jovem incorreu em dois pecados gravíssimos previstos na lei mosaica: o primeiro mandamento descumprido foi o de “honrar pai e mãe”; o segundo, “não matarás”. A personagem estava mais do que recomendada ao fogo do Inferno. Seu caminho já estava muito bem traçado para o castigo a ser-lhe aplicado: a substituição de seu modelo antropomórfico pelo cinoforme. Cumpre acrescentar ser a cadela também uma forma animal, bastante significativa, no imaginário cristão.

A cobra está ligada ao pecado original. Vale aludir nesse passo aos *Ofitas*, adoradores de serpentes, constituídos numa

seita gnóstica cultuadora da “Serpente do Paraíso”, por ter sido esta, “segundo a Bíblia, a primeira que se revoltou contra o Demiurgo criador deste mundo de miséria em que estamos e a primeira que propusera aos homens a ‘ciência do Bem e do Mal’” (CÔNEGO, 1962, p. 12).

A cadela, por seu turno, está relacionada justamente ao Diabo, ao cão, reforçando o entendimento de ser a mulher tentadora por natureza, enfatizando assim sua vinculação com Satanás e, desse modo, com a ideia do demoníaco. Mas há, principalmente, a vinculação dos dois com o sexo, pois, para a Igreja, este era algo relacionado a uma tentação de Satanás. Quando a Igreja começou a discussão visando a transformar os esposais em sacramento, considerava as núpcias e a procriação dois males necessários, pois não havia outro modo de reproduzir a espécie. Porém, segundo São Paulo, o marido e a mulher deveriam celebrar um acordo, como se esta se tratasse de uma relação econômica, na qual um devia e o outro pagava. Segundo tal entendimento, os corpos eram pertencentes reciprocamente, ou seja, ninguém dispunha de seu corpo. O da mulher era devido ao homem, o do homem pertencia à mulher, daí ser o adultério pecado. Aliás, para o verdadeiro cristão continua sendo; mudaram somente a visão de mundo e a relativização dos valores.

A prostituição, a promiscuidade sexual e a profanação do sacramento da confissão desencadearam a sequência de faltas cometidas pela personagem, deter-

minando sua vil metamorfose em cadela. E temos isso nos seguintes versos:

A mãe convidou a filha
Para ir se confessar
Ao que ela respondeu:
Se fosse para DANÇAR,
A senhora não me chamava.
Eu hoje vou é FARRAR.

[...]

Quem gosta de confissão
É velha na viuvez.
Eu gosto é de namorado,
Pra isso já tenho três,
Quando um falta, o outro vem
E não me falta FREGUÊS.

(LUCENA, s. d.)

Porém, na continuidade da leitura, somos informados de que a moça foi transformada em cadela e achou bom. Ela chega mesmo a comentar que estava levando a vida sonhada, pois era prostituta, virou uma fêmea devassa e não se arrependeu dos erros cometidos. Assim, passa a viver nas ruas como todo e qualquer vira-lata, e no finalzinho da história o poeta narra o seguinte:

Depois disso, a VIRA-LATA
Apareceu já buchuda,
E depois teve um filhote
De carinha cabeluda,
Meio gente meio bicho
Parecendo até um juda.

(LUCENA, s. d.)

Um “juda”, não sei, mas essa forma híbrida lembra a de um lobisomem. Talvez uma espécie de maldição. O cordelista conclui escusando-se acerca do destino da moça e da veracidade, ou não, do fato por ele narrado no folheto. Leiamos os versos:

Verdade, mentira ou não,
O CASO foi bem descrito.
Se, de fato, aconteceu
Este episódio inaudito
Envolvendo u'a mulher,
Acredite quem quiser
Eu mesmo não acredito!

(LUCENA, s. d.)

E passemos ao terceiro folheto, o de Jorge, personagem principal do cordel *O rapaz que virou bode no estado do Paraná*, protagonista que se encontra entre os hereges de uma enorme galeria literária. H. Renato, autor do folheto, começa seu texto com uma visão sobre a desordenação do mundo, uma ideia apocalíptica relacionada à devassidão, afirmando que, por tudo isso, “O diabo ganhou o mundo/ e não leva porque não pode”. Então, anuncia a transformação de um rapaz em caprino.

Temos, mais uma vez, um animal eivado de simbolismo. O bode muito se aproxima do Satanás da concepção cristã, não só pela correspondência física, pois os pés do Diabo têm o mesmo formato das patas dos caprinos. Além disso, também a palavra pode significar indivíduo feio, repugnante, pessoa que cheira mal, e aqui vale lembrar o fartum de enxofre exalado pelo Diabo, segundo a imaginação detalhadora desse personagem maligno.

Bode significa ainda homem libidinoso, lascivo e, por extensão, segundo Houaiss, indivíduo protestante, ateu ou maçom. Por fim, não podemos esquecer, o bode é um animal que furta.

Jorge é um jogador inveterado e, por conta do vício e do desejo fáustico de

enriquecimento fácil, acaba profanando Nossa Senhora Aparecida. À personagem profere insultos e blasfêmias, tratando a divindade com irreverência e desrespeito, até que lhe sobrevém um surto de raiva, durante o qual lança um desafio à santa para que ele pudesse se tornar pio: “Não vou mais rezar pra ela/ E só acredito nela/ Quando eu virar num bode”.

O amigo de Jorge o adverte, mas de nada vale sua interferência. Jorge renova o mesmo desafio por mais duas vezes. É quando vai dormir e, à meia-noite, acorda transformado em bode. A hora da metamorfose vem a ser um elemento importante, pois o escuro está relacionado à ideia de trevas e àquele que vive nas trevas. A propósito, diz o poeta:

Então deitou-se na rede
E foi dormir sossegado
A meia noite acordou-se
Já em bode transformado
Deu uma agonia nele
E até a rede dele
O chifre havia furado.

(RENATO, s. d.)

Em forma de animal, Jorge assume um comportamento libidinoso e começa a cometer os maiores excessos, carregados de orgia e luxúria. Curiosamente, a besta caprina passa a perseguir também pessoas que, segundo a concepção cristã, eram igualmente pecadoras:

O bode vive perseguindo
Sujeito mexeriqueiro
Mulher falsa ao marido
Sedutor e cachaceiro
E aonde tem um chifrado
Que se conforma com tudo
Ele faz um paradeiro.

(RENATO, s. d.)

O poeta, portanto, com seu texto, não só pune o personagem principal, como compromete toda uma leva de pecadores pelas mais variadas falhas cometidas, por serem contrárias à prescrição cristã.

A figura do bode é relacionada ao sexo incessantemente, e não poderia ser de outro modo, desde que a prática sexual, principalmente a ilícita, passou a ser considerada pela Igreja medieval coisa de Satanás.

Por fim, o poeta exorta a todos os leitores que têm vida devassa a tomarem cuidado com o bode. Neste passo, o animal alegoriza as tentações mundanas sempre a espreitar os menos vigilantes.

Puxando o cordel e fechando a cortina

Com esta análise pretendemos dar apenas uma mostra do rico filão de temas para investigação contido na literatura popular do Nordeste brasileiro. Cabe lembrar que estas páginas não esgotam o assunto, como é óbvio, havendo muito mais a ser desvendado dentro desse universo temático tão abrangente, pois se constitui das categorias do *preceito*, da *transgressão*, da *sanção* e da *metamorfose*, envolvendo teoricamente alguns aspectos da *residualidade*, da *mentalidade*, dos *sedimentos mentais*, da *hibridação cultural*, da *memória* (individual e coletiva) e do *imaginário cristão e pagão*.

Portanto, muito mais fica para ser desvendado e analisado nestes e em tantos outros cordéis relativos à questão da

metamorfose na literatura, em geral, e na de cordel, em particular, nos folhetos descobertos em viagens efetuadas por nós próprios, ou por nossos parceiros de pesquisa, e mesmo nos chegados às nossas mãos através de doações de amigos e ouvintes que vão tomando conhecimento da pesquisa em andamento.

Three cases of residual metamorphosis to beyond the popular allegory in verse

Abstract

Combination that deals part of the research named "Penalty and Metamorphosis in the Brazilian northeastern" chap-book, which literary universe is the one of the leaflet where transgressor characters of the moral and religious precepts are punished by the loss of the human form and metamorphosed into animals. The study aims identify the penalties the characters are submitted to with wastes of the medieval Iberian Portuguese mentality of punishment and segregation of the individuals from the social minorities. By the religious middle age Iberian Portuguese way of thinking, the transgressions of the characters in question, classified according to the Seven Deadly Sins, almost always are linked to the sinful sexual universe and, therefore, diabolical, according to the guiding Christian imaginary of the universe in analysis.

Key words: Residuality. Chap-book. Metamorphosis. Transgression. Penalty.

Nota

- ¹ A *residualidade* é a teoria que serve de base aos estudos do grupo de pesquisa “Estudos de Residualidade Literária e Cultural”, certificado pela UFC e cadastrado no CNPq. O termo “residualidade” foi empregado por Roberto Pontes a partir de enfoque próprio, como afirma o autor em seu livro intitulado *Literatura insubmissa afrobrasilusa* (PONTES, 1999) e está empregado também em textos dos demais componentes do grupo, a exemplo dos ensaios “O caráter afrobrasiluso e residual no *Auto da Compadecida*” (MARTINS, 2000) e “O caráter afrobrasiluso, residual e medieval no *Auto da Compadecida*” (MARTINS, 2003). A *residualidade* se caracteriza por aquilo que resta, que remanesce de um tempo em outro, podendo significar a presença de *atitudes mentais* arraigadas no passado próximo ou distante, e também diz respeito aos *resíduos* indicadores de futuro. Este último é o caso de artistas que, independentemente da estética à qual pertençam, incluem em suas obras uma linguagem precursora, sendo por isso comumente considerados artistas *avant la lettre*. Mas a *residualidade* não se restringe ao fator tempo; abrange, igualmente, a categoria espaço, que nos possibilita identificar também a *hibridação cultural* no que toca a crenças e costumes.

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. Trad. de Matos Soares. São Paulo: Paulinas, 1982.
- CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2000.
- CÔNEGO, Cristian. *Breve história das here-sias*. São Paulo: Flamboyant, 1962.
- KANT. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. de Paulo Quintela. Coimbra: Atlântida, 1960.
- LUCENA, Antônio Araújo de. *A moça que virou cadela*. Campina Grande - PB: Funcesp, [s. d.].
- MARTINS, Elizabeth Dias. O caráter afrobrasiluso e residual no *Auto da Compadecida*. In: SOARES, Maria Elias; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (Org.). *XVII Jornada de Estudos Linguísticos*. Anais. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará-UFC/Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2000. v. II. p. 264-267.

MARTINS, Elizabeth Dias. O caráter afrobrasiluso, residual e medieval no *Auto da Compadecida*. In: VAZ, Ângela (Org.). *IV Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2003. p. 517-522.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. de Bocage. São Paulo: Hedra, 2000.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

PONTES, Roberto. *Poesia insubmissa afrobrasilusa*. Rio de Janeiro-Fortaleza: Oficina do Autor/EUFC, 1999.

RENATO, H. *O rapaz que virou bode no estado do Paraná*. Recife: Coqueiro, [s. d.].

SILVA, João José da. *A moça que virou cobra*. [Recife]: do autor, [s. d.].

ZUNTHOR, Paul. *Escritura e nomadismo*. Cotia - SP: Ateliê Editorial, 2005.